

**Influências da ideologia do branqueamento e da  
etiqueta racial nas telenovelas brasileiras***Influences of whitening ideology and racial label  
in brazilian soap operas*Maureci Moreira de ALMEIDA<sup>1</sup>**Resumo**

Compreender o Brasil de forma mais ampla, deve-se considerar a trama de seus principais aspectos, como o cultural, o econômico, o social e o histórico, e que esbarrar-se-á quase que necessariamente, também na compreensão da problemática racial. Destaca-se nesse caso, um dos elementos centrais dessa problemática: o ideário do branqueamento, esculpido nos recônditos mais profundos e subjacentes da cultura e das relações sociais brasileiras, internalizado ao longo da formação histórica do país. Assim, o artigo tem como foco refletir e analisar a problemática racial, em que é realizado um recorte metodológico, abordando a televisão para tratar da ideologia do branqueamento nas telenovelas. Aborda-se também a questão da etiqueta racial, uma forma de tratamento muito peculiar dispensada ao negro nas relações sociais e raciais brasileiras. Realiza-se assim, de maneira reflexiva e crítica, uma análise da temática racial, que abrange todos os setores da cultura e da sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Ideologia do Branqueamento. Telenovela. Racismo. Etiqueta Racial.

**Abstract**

Understanding Brazil in a broader way, must consider the weave of its main aspects, such as cultural, economic, social and historical, and that will be observe almost necessarily, also in understanding racial problematic. Stands out in this case, one of the central elements of this problem: the ideals of whitening, sculpted in the deepest recesses and underlying culture and the Brazilian social relations, internalized along the historical development of the country. Thus, the article focuses on reflect and analyze racial problematic, in which a methodological approach is realized by addressing the television to discuss the ideology of whitening soap operas. It discusses also the issue of racial etiquette a form of very peculiar treatment given to the black in social relations

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudo de Cultura Contemporânea - ECCO/UFMT. Professor do Cefapro - Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica, Polo de Pontes e Lacerda, Seduc-MT. E-mail: maurecialmeida@hotmail.com

and racial Brazilians. In a more reflective and critical manner, an analysis of the racial issue, spanning all sectors of the Brazilian culture and society.

**Keywords:** Ideology Whitening. Soap Opera. Racism. Racial Etiquette.

## **Introdução**

Uma compreensão mais ampla do Brasil considerando a trama de seus principais aspectos, como o cultural, o econômico, o social e o histórico, esbarrar-se-á quase que necessariamente, também na compreensão da problemática racial. Destaca-se diante disso, um dos elementos centrais dessa problemática: o ideário do branqueamento, esculpido nos recônditos mais profundos e subjacentes da cultura e das relações sociais brasileiras, internalizado ao longo da formação histórica do país.

Esse ideário se mantém vigente influenciando os costumes, os modos e as dinâmicas sociais, substanciando o racismo nas pessoas no cotidiano. Agindo na manutenção desse ideário, está em cena um dos mecanismos mais eficientes de propagação ideológica jamais vista na história das sociedades humanas: os meios de comunicação de massa.

Assim, neste artigo faremos um recorte metodológico abordando a televisão para tratar da ideologia do branqueamento nas telenovelas, as quais observadas foram as produzidas pela Rede Globo de Televisão, justamente por terem maior audiência. Em conjunto procuramos examinar também a questão da etiqueta racial. Uma forma de tratamento muito peculiar dispensada ao negro nas relações sociais e raciais brasileiras, e que está presente nas telenovelas.

Desse modo, este artigo está ancorado em alguns teóricos e estudiosos da questão racial, como por exemplo, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, Joel Zito Araújo, Lilia Moritz Schwarcz, Oracy Nogueira e Andreas Hofbauer.

Realizamos assim, a partir das concepções desses estudiosos, de maneira reflexiva e crítica, uma análise da temática racial a partir do que as telenovelas nos revelam da ideologia do branqueamento. Nesse caso, as telenovelas têm muito a nos mostrar, pois reproduzem todo um imaginário racial idealizado, possível de ser notado no discurso e no comportamento das pessoas.

Mas então, o que é esse ideário do branqueamento? Ele tem uma origem interna ou externa ao Brasil? Como surge e se consolida como uma ideologia? E, qual a relação desse ideário com as telenovelas? Para responder estas indagações descreveremos, mesmo que brevemente, como surgiu esse ideário que nasceu como uma teoria, e foi acolhida por boa parte da sociedade brasileira no início do século XX.

### **A ideologia do branqueamento no Brasil**

No Brasil do final do século XIX e início do século XX vicejava a teoria do branqueamento, que de acordo com os estudos de Schwarcz (1993), Araújo (2008) e Guimarães (2002), alimentava o desejo e o imaginário das elites brasileiras de transformar a nação em um país civilizado do ponto de vista econômico e moral. Alcançar esse estágio civilizado, não seria possível se negros e indígenas continuassem sendo à base da matriz geradora da população (ARAÚJO, 2008).

As elites constituídas, principalmente pelos grandes fazendeiros de café, reforçavam essa teoria do branqueamento, que aos poucos se convertia em uma ideologia.

Essas elites acreditavam e defendiam insistentemente que, para resolver o problema do desenvolvimento do Brasil, deveriam importar, por meio da imigração, os europeus para as terras brasileiras por serem considerados civilizados e brancos. Poderiam assim, clarear o Brasil.

Nessa perspectiva, entre os intelectuais e cientistas brasileiros que se destacaram ao defender a busca por uma pureza racial (MÜLLER, 2010) nos séculos XIX e XX, Nina Rodrigues se despontou com suas teses sobre a questão do branqueamento.

Esse intelectual, que também era médico, acreditava em uma “evolução humana” e na superioridade da raça branca (HOFBAUER, 2003). Considerava que ela era hierarquicamente superior ao negro, corroborando o ideário do branqueamento junto à elite da época, fundamentando, por meio desse tipo de alegação, a necessidade da imigração europeia.

Maria Lúcia Rodrigues Müller (2011), no entanto, aponta que a maioria dos imigrantes que se interessavam em vir para o Brasil era constituída por pessoas com pouco conhecimento tecnológico e baixo nível de instrução. Os que detinham algum

conhecimento mais técnico e sofisticado preferiam ir para os Estados Unidos ou para a Argentina. Sobravam para o Brasil, os indesejados da Europa, que eram os descendentes fragmentados da cultura europeia, que as elites acreditavam que iriam melhorar e aprimorar a sociedade brasileira em pouco tempo.

Assim, para Müller (2010), a construção do racismo no Brasil está alicerçada principalmente na teoria do branqueamento, e estruturada a partir do mito das três raças que compõem o imaginário da formação do país. De acordo com isso, a história oficial institucionalizada sempre esteve a favor das elites que desejavam arbitrariamente criar uma história nacional, estabelecendo, dessa maneira, uma hierarquia para as raças (MÜLLER, 2011).

No imaginário dessa estrutura, o branco está no topo dessa hierarquia, o indígena fica no meio, e na base o negro. No caso do negro, está na base propriamente porque cabe a ele somente o trabalho braçal, não tendo outras capacidades (MÜLLER, 2011). Müller evidencia como foi a construção do pensamento racial em nosso país nos séculos XIX e XX, e como a teoria do branqueamento era amplamente aceita.

Conforme a argumentação da autora, acreditava-se naquela época, e provavelmente ainda hoje, que os brasileiros por serem negros eram inferiores cultural e intelectualmente e que somente o branqueamento poderia fazer com que o país avançasse. Nesse momento histórico, prevaleciam concepções eugenistas<sup>2</sup> que proclamavam que o Brasil, para ser realmente desenvolvido, necessitaria de ter sua população branca. Pois, teria maiores capacidades de promover o país, e que isso poderia na visão de algumas intelectuais e médicos higienistas, ser realizado dentro de poucas gerações.

Apesar de já estarmos na segunda década do século XXI, a teoria do branqueamento, agora plenamente convertida em ideologia e camuflada em diversos discursos, ainda está em voga na sociedade brasileira. Por exemplo, entre esses discursos, está presente nos livros didáticos destinados à educação de crianças e jovens. Esses materiais pedagógicos trazem em suas formatações, de modo geral, uma sobrecarga estereotipada da imagem do negro, em que acabam introjetando na subjetividade das pessoas em processo de escolarização, a falsa concepção de que o branco é detentor de uma história que merece ser contada por ser a mais bela e mais

---

<sup>2</sup>Na época a eugenia era uma parte da ciência que se dedicava ao estudo dos meios que poderiam melhorar a espécie humana.

importante do que dos outros grupos. Esses materiais, desse modo, parecem considerar pouco a riqueza da diversidade étnica e racial brasileira. No entanto, há que se destacar que nos últimos tempos isso aos poucos vem mudando na produção dos livros didáticos.

Mas são nos meios de comunicação de massa, tais como jornais impressos, revistas de moda e, sobretudo na televisão, que o discurso e a ideologia do branqueamento despontam com força e ao mesmo tempo com muita sutileza.

### **A televisão e a telenovela: a influência da ideologia do branqueamento**

Entre os meios de comunicação de massa, a televisão se configura como o mais eficiente na difusão da ideologia do branqueamento. E ao que parece, um dos produtos da televisão aberta do Brasil, as telenovelas, reuniriam os elementos que as revistas de moda e os jornais impressos não têm: que são o movimento da câmera, o realce, o close, os diferentes ângulos e perspectivas, bem como sua trilha sonora. Como a grande maioria dos atores e apresentadores da televisão é branca, os elementos supracitados acabam por sustentar um ideal fenotípico de beleza. Porém, antes de examinarmos mais esse ponto, seria oportuno destacar a observação que Araújo (2004) faz em relação aos estudiosos do racismo no Brasil. Principalmente na questão do branqueamento, demonstrando que falharam ao conceber a adoção das teorias raciais anacronicamente. Pois, nas concepções e nas interpretações de teóricos de renome tais como: Nelson Werneck Sodré, Dante Monteiro Leite e Thomas E. Skidmore, a importação da ideologia racista da Europa estava fora de contexto e não se aplicaria ao caso brasileiro (ARAÚJO, 2004).

Nesse caso, afirmar que as teorias racistas eram anacrônicas para o contexto brasileiro, pelo que postula Araújo (2004), é negar que aqui também havia uma teoria racista, que não foi simplesmente importada e aplicada no âmbito brasileiro, mas sim reelaborada pela elite que se fundamentava nas teorias racistas europeias. Alcançando assim unanimidade entre os intelectuais, artistas e os homens de ciências no período que compreende o final do século XIX e início do século XX. O autor ainda acrescenta que: “essa ideia de branquear progressivamente negros, mulatos e mamelucos, e de ver a mestiçagem como ponte para a eugeniização, foi defendida por intelectuais como Sílvio Romero e Oliveira Viana, além de João Bastita Lacerda” (ARAÚJO, 2004, p. 27).

Essa era a solução que os intelectuais e os médicos apontavam para conseguir resolver o “problema negro” no Brasil. Tal solução era objetivamente concebida ao se acreditar que a miscigenação seria a chave para diluir as características fenotípicas dos negros no branco. Desse modo, algo imaginado como possível de ser realizado concretamente. No entanto, essa ideia foi perdendo ao longo do tempo sua força, pois o branqueamento físico dos brasileiros não se efetivou como se projetava no início do século XX.

Mas vale ressaltar, que a noção de democracia racial, que é fundamentalmente um mito, e que sempre esteve estreitamente ligada ao sinônimo de branqueamento, surge, por outro lado, baseada no argumento de que a miscigenação cultural seria importante para o Brasil. Esta maneira de pensar estava alicerçada na obra de Gilberto Freire, *Casa-Grande & Senzala*, de 1954, que propagava o argumento ideológico de que o Brasil dificilmente se encaixaria na classificação de racista, sendo que os inúmeros hábitos de convivência nascidos principalmente a partir da intimidade (mesmo que forçada) entre brancos e negros provaria isso (ARAÚJO, 2004).

A obra de Gilberto Freire parece contribuir com o mito da democracia racial defendendo a “aparente harmonia” existente entre negros, indígenas e brancos no Brasil, gerando a impressão de um convívio tranquilo e perfeito.

Após o auge da teoria do branqueamento e do mito da democracia racial, essas concepções ressurgem com nova roupagem<sup>3</sup>. Dessa vez manifestam-se em outros setores, como o da cultura televisiva, mais especificamente nas telenovelas. Os argumentos pseudocientíficos e pseudointelectuais de outrora, são substituídos por algo mais abrangente e sedutor, e com uma força simbólica arrebatadora, capaz de estabelecer psicologicamente seus valores e ideais.

Assim, as telenovelas carregam implicitamente o ideário do branqueamento e do mito da democracia racial em seu repertório, sendo facilmente assimilado pelas pessoas das diferentes classes sociais, esferas culturais, formação escolar e nível intelectual.

Nesse sentido, e para compreender um pouco mais essa influência, Araújo (2004) alega que “[...] o surgimento da televisão no Brasil, nos anos 50, veio reforçar esse papel das mídias já existentes na organização de uma identidade nacional, transformando também elementos culturais dos não-hegemônicos” (ARAÚJO, 2004, p.

---

<sup>3</sup>Não que algum dia tenha desaparecido das relações sociais e raciais brasileira.

34),no caso os negros e os indígenas, com características importantes para firmar uma identidade nacional. Isso dificultaria, por outro lado, saber quem é negro no país. Esses grupos tiveram suas marcas culturais representadas na televisão com ressonância na programação das telenovelas. Mas é bom sublinhar, que os negros, e principalmente os indígenas, são representados, na maioria das vezes, de forma estereotipada e folcloricamente situados. Há que se considerar também que estão em número reduzidíssimos nessas produções, ou simplesmente muitas vezes substituídos por atores brancos nos papéis que interpretariam.

É o caso da novela *Araguaia* (REDE GLOBO, 2011), em que a atriz Cléo Pires dá vida a uma personagem indígena. Este é um exemplo, dentre tantos outros, que evidencia a ideologia do branqueamento, pois a atriz que interpreta a indígena é branca, mas por um efeito de maquiagem foi metamorfoseada em uma indígena. Subjacente a essa representação está inserida a ideia de que uma indígena não conseguiria encenar a si próprio em uma novela. Por isso, nada melhor do que uma atriz branca com sua estética branca<sup>4</sup>, para interpretar tal papel. Esse tipo de escolhaparece revelar os posicionamentos raciais dos idealizadores desse tipo de produto audiovisual.

Nessa mesma perspectiva, apesar da distância temporal, a novela *A cabana do Pai Tomás*(REDE GLOBO,1969), é outro exemplo crasso de como o racismo no Brasil é marcante, e que acaba resvalando nas telenovelas. Os atores principais dessa novela, Sérgio Cardoso e Ruth de Souza, protagonizaram, no final da década de 1960, um casal de negros em uma comunidade rural (ARAÚJO, 2004). No entanto, o que chamou atenção nesse melodrama, que gerou uma enorme polêmica,foi o fato de que o personagem central, Pai Tomás, tinha sido interpretado por um ator branco que se maquiava de preto para atuar. Será que na época não haveria atores negros para fazer esta personagem? Certamente que sim. Mas, quem produziu a telenovela não conseguiu vê-los por causa da influência do racismo. Esta novela, por conta disso, gerou mal-estar e logo foi encerrada e ficou como uma marca da imagem estereotipada do negro na teledramaturgia.

O modo de produção das telenovelas brasileiras, que privilegia em grande parte, apenas um fenótipo racial, pode influenciar a maneira como os telespectadores das novelas percebem as relações raciais.Relacionando assim,simbolicamente a imagem do

---

<sup>4</sup>Constituídashistórica e socialmente,e atribuídas à figura do branco.

*ser* negro, que aparece sempre de formar estereotipada e fragmentada, a algo negativo e marcado por uma forte depreciação. Por outro lado, fomenta-se também uma identidade negra fragilizada e isolada daquilo que intrinsecamente é constituída culturalmente. O brasileiro negro<sup>5</sup>, em certa medida, tem dificuldades de se reconhecer como tal. Não queremos aqui fazer uma redução simplista, afirmando que isso seja exclusivamente culpa das telenovelas exageradamente branqueadas. Mas apontar que elas têm sua cota de participação no enfraquecimento da identificação negra.

Em vista disso, há no Brasil uma negação da cor (seja parda ou preta), e as telenovelas atuam reforçando o ideal de branqueamento. Por isso é fácil constatar a dificuldade que o brasileiro tem de autotransclassificar sua cor.

Para aprofundar um pouco mais a compreensão do que foi dito anteriormente, destacamos os estudos do sociólogo brasileiro Oracy Nogueira (2006), que fez uma importante distinção ao criar um quadro de referência sobre as relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos. Estabelecendo assim, a diferença entre preconceito racial de marca (tipicamente brasileiro) e o preconceito racial de origem (uma característica do racismo nos Estados Unidos). Saber acerca dessa distinção é fundamental para que se compreenda o porquê da telenovela ser um campo propício para a reafirmação do ideário do branqueamento.

Assim, no Brasil, segundo Nogueira (2006), um branco pode ter amizade por um negro sem que isso implique na mudança de comportamento das outras pessoas em relação a ele que é branco, e tem amizade com um negro. Já nos Estados Unidos, “[...] o branco que mantém relações de amizade com pessoas de cor é pejorativamente chamado de *negro-lover* ou de “negro voluntário”, além de estar sujeito a sanções mais drásticas” (NOGUEIRA, 2006, p. 292 [grifos do autor]). Logo, essa diferença do preconceito racial no Brasil em relação aos Estados Unidos percebida por Nogueira, possibilita confirmar e compreender a sutileza das relações raciais brasileiras, que são muito complexas. Por exemplo, na questão do preconceito de marca, está também expressa uma etiqueta racial<sup>6</sup>, que muitos adotam para relativizar a negritude das pessoas negras. A televisão e as telenovelas são, em parte, responsáveis por intensificar esta atitude. Na

---

<sup>5</sup>Usamos esta denominação como uma categoria, de acordo com a classificação do IBGE, em que pardos e pretos pertencem a ela.

<sup>6</sup>Esta etiqueta no tratamento que se dispensa ao negro relativizando sua cor tem sua origem na ideologia do branqueamento, no status socioeconômico e nas relações de amizade e afeto entre as pessoas.



realidade, isso desencadeia ainda mais o preconceito que está arraigado nas relações raciais no Brasil.

Há certa conduta, segundo Teixeira (2011), expressa subjetivamente na etiqueta e no tratamento que deve ter quando se refere ao negro, amenizando e atenuando sua negritude. Essa etiqueta está estritamente relacionada à questão das relações raciais no Brasil.

Nesse caso, é algo que as telenovelas apresentam muito bem. Por exemplo, na novela *Insensato Coração* (REDE GLOBO, 2011), o personagem do ator negro Lázaro Ramos, André Gurgel, designer de sucesso, já aparece na novela em uma posição social de muito destaque. Sendo que tal posição e sua conquista não foram discutidas inicialmente, como poderia ter sido. Assim, por outro lado, no decorrer da trama, o pai de André aparece, revelando aos telespectadores as origens de seu filho. Entretanto, novamente, o estereótipo do negro que quer sempre se dar bem sem esforço é inserido para caracterizar o pai de André Gurgel, Gregório, que segundo o site da novela:

[É] um homem frio, malandro e atormentado pelo alcoolismo. [...] Como é chegado a uma vida boa, Gregório vai tentar se aproveitar da boa condição do filho. André vai passar por momentos difíceis ao reencontrar o pai. André terá de revisitar o passado e se deparar com recordações que preferia nunca mais se lembrar. Sua mãe morreu quando ainda era pequeno e sem o suporte dela, André teve de viver essa relação complicada com o pai. (INSENSATO CORAÇÃO, TVG. GLOBO, 2011).

Na novela, André Gurgel afirma que ralou muito para estar ali e ter o sucesso que tem (INSENSATO CORAÇÃO, 2011). Mas não relata as questões raciais, causando ao telespectador brasileiro a impressão que se a pessoa somente se esforçar e lutar muito, independente das oportunidades, das condições socioeconômicas, da sorte, dos privilégios e das relações raciais, conseqüentemente conseguirá atingir seus objetivos e realizar seus sonhos.

Esta é mais uma ideologia propagada: a do esforço pessoal e meritocrático de um negro, sem considerar o seu devido espaço social-histórico-racial. Assim, foi sugerido implicitamente pelos autores da novela, que André Gurgel conquistou fama e prosperidade mediante e exclusivamente por conta de seu esforço pessoal. Não considerando, como se não existisse, as dificuldades de preconceito que teve em seu percurso até chegar ao patamar que chegou. Ao apresentar nessa configuração a

personagem de André Gurgel, a novela evidencia ideologicamente, que não há problema racial no Brasil. Ao mesmo tempo provoca o branqueamento da personagem ao mostrar como ele se relaciona bem com as mulheres brancas que o aceitam, sobretudo pelas suas condições socioeconômicas e fama, que funcionam como justificativa para o sucesso pessoal que relativiza sua cor.

A etiqueta racial e a ideologia do branqueamento são ativados justamente nesse ponto, em que não há uma discussão adequada e aprofundada acerca das questões raciais em uma novela de grande audiência como foi *Insensato Coração*. Também acreditamos que o negro, seja uma personagem da indústria audiovisual, ou mesmo um profissional da vida real, não deve a todo o momento estar se reportando e justificando sua trajetória. Mas, como sua imagem e representação são difundidas em um produto audiovisual de grande repercussão, e levando-se em conta a questão racial no Brasil, dever-se-ia aproveitar a oportunidade para provocar reflexões a respeito das relações raciais dramáticas vivenciadas no país. Infelizmente, é o que os meios de comunicação de massa insistem em não revelar e tratar explicitamente em suas produções.

Esta etiqueta no tratamento que se dispensa ao negro relativizando sua cor tem sua origem, como afirma Teixeira (2011), na ideologia do branqueamento. No caso das relações de afeto e amizade, a pessoa que tem amigo negro, geralmente quando vai se referir à cor dele, se comporta de tal maneira que acaba negando os traços e a cor de sua pele. Isso também aparece nas telenovelas de maneira indireta quando o negro ou a negra não são escalados para fazer par romântico com outro negro ou outra negra<sup>7</sup>, mas sim com um branco ou uma branca, o que acaba revelando também à falsa ideia do mito da democracia racial.

Assim, há uma carência de negros nas telenovelas, que pode influenciar negativamente a percepção das pessoas em relação à negritude.

Com isso, pode-se começar a compreender como está constituída a mentalidade preconceituosa do brasileiro ao não admitir por razões raciais, afetivas e hierárquicas a negritude do outro. Até mesmo aqueles que são negros, muitas vezes por força e influência dessa mentalidade (da ideologia do branqueamento), negam seu

---

<sup>7</sup>Nesse ponto é importante fazer uma ressalva: há sim algumas telenovelas, a exemplo de *Lado a Lado* (REDE GLOGO, 2012), em que os atores negros Lázaro Ramos e Camila Pitanga, protagonizam um par romântico.

pertencimento, sua condição e seu próprio ser reproduzindo em seus discursos o racismo. Esse discurso é estruturado a partir de uma hierarquia social.

Nessa perspectiva, se o negro alcançou um *status* social mais elevado, se teve condições de avançar nos estudos, se é um grande empresário, se destacou em algum esporte de rendimento ou é um artista renomado, sua classificação de cor, realizada socialmente, ganha outras nomenclaturas que relativizam a pigmentação de sua pele. Sendo assim, classificado como “moreno claro” ou “escuro”. Outras vezes é denominado como pardo, ou até mesmo como mulato, mas dificilmente afirmado como negro. Pois, segundo Nogueira:

[...] No Brasil, não é de bom tom “puxar o assunto da cor”, diante de uma pessoa preta ou parda. Evita-se a referência à cor, do mesmo modo como se evitaria a referência a qualquer outro assunto capaz de ferir a susceptibilidade do interlocutor – em geral, diz-se que “em casa de enforcado, não se fala em corda”. Em contraposição, em qualquer contenda com uma pessoa de cor, a primeira ofensa que se lhe assaca é a referência a sua origem étnica (NOGUEIRA, 2006, p. 299).

Se esse mesmo negro estiver em uma condição social de pouco destaque, tais como pedreiro, vendedor, garçom, motorista, é considerado, classificado e aceito (mesmo que preconceituosamente) como negro pela sociedade, pois na mentalidade predominante dos brasileiros, estas atividades são consideradas naturalmente comuns aos indivíduos negros.

Assim, no caso do Brasil, o branqueamento, o mito da democracia racial e a etiqueta racial são ideologias transmitidas e reafirmadas também pelo aparato audiovisual, sobretudo quando destaca a posição social da população negra trabalhadora. Sendo que as telenovelas carregam simbolicamente a estruturação de como está organizada a sociedade.

Os produtores das telenovelas afirmam que extraem do próprio público os temas que servirão para desenvolver o enredo das novelas, revelando “[...] a cumplicidade da televisão com a persistência do ideal do branqueamento e com o desejo de euro-norte-americanização dos brasileiros” (ARAÚJO, 2004, p. 305). Isso fica expresso no comportamento das pessoas ao serem indagadas sobre qual o padrão de beleza preferencial quando vão escolher seus parceiros: a grande maioria responde que é o branco. Mesmo a pessoa sendo negra elegerá como ideal de beleza (por influência do

branqueamento) a que possui fenótipo caucasiano. As telenovelas fomentam esse ideal ao apresentar sempre as personagens brancas, sempre em primeiro plano, predominante em quantidade, e em segundo lugar, de modo afirmativo, com *closes* que realçam seus traços.

Quando a televisão promove apenas a beleza branca, ela inculca nas pessoas um padrão de referência que nega o fenótipo e a beleza negra. As telenovelas operam dessa forma ao mostrar, na maior parte dos capítulos, a atuação dos atores brancos. Acabam afirmando a presença e dominação de apenas um tipo de físico positivamente. Assim, o ator e a atriz brancos irão fazer sempre o papel de mocinhos, sendo que o negro fará sempre o amigo fiel, o empregado dedicado e obediente, o segurança sempre atento, o garçom ou o chofer predisposto. (ARAÚJO, 2004).

Simbolicamente estas representações que o negro exerce nas telenovelas propagam a ideia de sua subordinação e dependência ao branco. Sua imagem negra é transmitida e assimilada negativamente, podendo despertar nos jovens, principalmente nos que estão nas classes menos privilegiadas e com a maioria constituídas por negros (JACCOUD e BEGHIN, 2002), o desejo de não ser daquela cor. Dessa maneira, a aparência dos atores e das atrizes da novela celebrada em *horário nobre*, por conta da ideologia do branqueamento, afetará a autoestima desses jovens. Pode ser que isso também provoque dificuldades em encontrarem parceiras e parceiros afetivos do mesmo grupo racial (ARAÚJO, 2008). Essas dificuldades serão maiores justamente pelo fato de que eles procurarão pessoas com aparência de não negros para estabelecer relacionamentos. Pois, psicológica e ideologicamente acabam acreditando que há um único padrão de referência de beleza, que é a branca.

Então, por que eles, principalmente os mais jovens, agiriam dessa maneira? Suspeitamos que isso ocorra simplesmente pelo fato do enorme destaque que a televisão, por meio dos seus produtos audiovisuais, concede a categoria racial branca. Confirmando estas suspeitas, Araújo afirma que:

Nosso preconceito racial atém-se mais às aparências, às marcas fenotípicas; quanto mais traços físicos de negros mais problemas, diferente do preconceito racial de origem norte-americano, em que uma gota de sangue negro é fator de exclusão, independentemente de a pessoa ter mais traços brancos do que negros (ARAÚJO, 2008, p. 983).

A telenovela projeta a imagem de um ideal de aparência euro-norte-americanizada numa população acentuadamente negra, como a do Brasil. O negro ou a negra procurará parceiros brancos, como já fora dito anteriormente, para se relacionar afetivamente, pois foram entalhados em ambos a preferência pelo tipo físico branco e a crença de que pessoas negras são feias. Evidentemente que este comportamento não é determinado e manipulado exclusivamente pelas telenovelas. Seria ingênuo afirmar isso. Mas a televisão e as novelas atuam como propagandas ideológicas do ideal do branqueamento.

A internalização da ideologia do branqueamento produz em torno da imagem do negro um enfraquecimento de uma postura mais afirmativa diante de sua própria beleza. As telenovelas promovem o culto ao fenótipo branco, negando não apenas os aspectos morfológicos, mas também os culturais da população negra.

Esse é o cenário contemporâneo da ideologia do branqueamento, agora espalhada pela cultura de massa, principalmente na televisão e nas telenovelas.

### **Considerações finais**

A problemática do racismo está tão entranhada na sociedade brasileira que muitos não conseguem perceber-lo. As pessoas, por efeito de uma cegueira generalizada, confundem sua presença nos diversos campos das relações sociais como sendo meramente problemas econômicos, culturais e de classes sociais.

A ideologia do branqueamento, nessa perspectiva, é a dimensão mais atuante do racismo no Brasil, está muito presente nas interações sociais no cotidiano das pessoas. Assim, essa ideologia, como já reportado anteriormente, surgiu inicialmente como uma teoria, e quase ao mesmo tempo se converteu em uma ideologia que impregnou a sociedade. Além do mais, com o decorrer do tempo ganhou novos aliados, e um deles foi a televisão, por meio de um de seus principais produtos, a telenovela.

Dessa forma, um dos objetivos do artigo foi estabelecer algumas reflexões, a partir da ideologia do branqueamento que está presente nas telenovelas, para que se possa compreender a sociedade na qual se está inserido e a segmentação em raças que faz parte da organização social do Brasil. Isso possibilitaria um enfrentamento mais efetivo do racismo predominante, que traz enorme infortúnio a milhões de pessoas que

não ascendem socialmente, em muitos casos, pelo impeditivo da cor e pelo padrão hegemônico de referência racial.

Nesse caso, portanto, há necessidade de se entender o que é raça, etnia, racismo e como a sociedade brasileira está estruturada. As telenovelas atuais, nessa perspectiva, com seu ideário de branqueamento, serviriam de espelho para se refletir e perceber como a sociedade se vê racialmente. Isso não apenas em termos da divisão de classes sociais, mas de classes raciais, cujas telenovelas insistem em mascarar, principalmente por meio do subterfúgio do discurso do mito da democracia racial.

## Referências

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

\_\_\_\_\_. O negro na dramaturgia, um caso exemplar de decadência do mito da democracia racial no Brasil. *In: Revista Estudos Feministas*, vol. 16, nº 3, 2008. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16.pdef](http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16.pdef)>\_ Acesso em: 14/03/2012

\_\_\_\_\_. A força de um desejo – a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. *Revista USP*, nº 69, 2006. Disponível em: <[www.usp.br/revistausp/69/07-joelzitopdf](http://www.usp.br/revistausp/69/07-joelzitopdf)>\_ Acesso em 31/05/2012.

CACIQUE KARAJÁ ESTÁ ORGULHOSO COM PARTICIPAÇÃO NA NOVELA GLOBAL ARAGUAIA. Disponível em:

<<http://www.24horasnews.com.br/blog/index.php?tipo=lista&data=2011-0119>>\_ Acesso em: 23/06/2012.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

HOFBAUER, Andreas. O conceito de “raça” e o ideário do “branqueamento” no século XIX – Bases ideológicas do racismo brasileiro. *In: Revista Teoria e Pesquisa*, vols. 42 e 43, 2003. Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/57/47>>\_ Acesso em: 22/06/2012.

\_\_\_\_\_. **Branqueamento e democracia racial: sobre as entranhas do racismo no Brasil**. Disponível em:

<[http://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial\\_finalc3adssima\\_2011.pdf](http://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial_finalc3adssima_2011.pdf)>\_ Acesso em: 26/06/2012.

INSENSATO CORAÇÃO. Disponível em: <<http://tv.globo.com/novelas/insensato-coracao/Bastidores/noticia/2011/03/milton-goncalves-entra-em-insensato-como-gregorio-o-pai-alcoolatra-de-andre.html>>\_ Acesso em: 23/06/2012.

JACCOUD, Luciana. BEGHIN, Nathalie. Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental. **IPEA**, Brasília, 2002. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/afirme/LEITURA/diversos/div03.pdf>>\_Acesso em: 03/12/2010.

\_\_\_\_\_. **Construção social da ideia de raça e as diferentes formas de classificação racial no Brasil**. 2. ed. Cuiabá: UAB/EdUFMT, 2010.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. **Pensamento social brasileiro e a construção do racismo**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pensamento social brasileiro e a construção do racismo**. 2 ed. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Revista Tempo Social**, vol. 19, nº 1, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>>\_Acesso em: 29/06/2011.

NOVELAS BRASILEIRAS PASSAM IMAGEM DE PAÍS BRANCO, CRITICA ESCRITORA MOÇAMBICANA. Disponível em: <<http://pelenegra.blogspot.com.br/2012/04/novelas-brasileiras-passam-imagem-de.html>>\_Acesso em: 17/08/2012.

RESUMO DOS CAPÍTULOS DE ARAGUAIA. Disponível em: <<http://www.clickgratis.com.br/novelas/globo/araguaia/#ixzz1ydCge6A3>>\_Acesso em: 23/06/2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TEIXEIRA, Moema de Poli. **Relações raciais na sociedade brasileira**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.